

ISAAC BÁBEL

Contos de Odessa

Tradução do russo, apresentação e notas de
RUBENS FIGUEIREDO

PENGUIN



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2015 by Rubens Figueiredo

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with
Penguin Group (USA) Inc.

TÍTULO ORIGINAL
Odiesskie rasskázi

PREPARAÇÃO
Mariana Delfini

REVISÃO
Márcia Moura
Huendel Viana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bábel, Isaac, 1894-1940.

Contos de Odessa / Isaac Bábel; tradução, notas e apresentação de Rubens Figueiredo. — 1ª ed. — São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2015.

Título original: Odiesskie rasskázi
ISBN 978-85-8285-020-6

1. Contos russos 1. Figueiredo, Rubens. II. Título

15-05471

CDD-891.73

Índice para catálogo sistemático:
1. Contos: Literatura russa 891.73

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500 Fax: (11) 3707-3501

www.penguincompanhia.com.br

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Apresentação — Rubens Figueiredo	7
CONTOS DE ODESSA	13
O Rei	15
Assim se fazia em Odessa	23
O pai	34
Liubka, a Cossaco	45
O pôr do sol	53
História do meu pombal	66
Primeiro amor	80
O fim de santo Hipácio	89
Com o nosso velho Makhno	93
Você perdeu, capitão!	96
OUTROS CONTOS DE ODESSA	99
Justiça entre parênteses	101
O fim do asilo de velhos	108
Froim Gratch	119
Karl-Yankel	125
O despertar	135
<i>Outras leituras</i>	145

O Rei

O casamento terminou, o rabino se deixou cair na poltrona, depois saiu do quarto e observou as mesas dispostas ao comprido em todo o pátio. Eram tantas que a fila se prolongava para além do portão e seguia pela rua Gospitálnaia. Cobertas de veludo, as mesas serpenteavam pelo pátio como cobras com remendos de todas as cores costurados na barriga, e eles — os remendos de veludo laranja e vermelho — cantavam com vozes grossas.

Os cômodos foram transformados em cozinhas. Através das portas fumacentas, via-se o fogo farto, o fogo embriagado e gordo. Em seus raios fumegantes assavam rostos de velhas, papadas trêmulas de mulher, peitos gordurosos. Um suor rosado como sangue, rosado como a baba de um cão raivoso, contornava aqueles peitos de carne humana estufada, docemente fedorenta. Três cozinheiras, sem contar as lavadoras de pratos e panelas, preparavam o jantar do casamento e, acima delas, reinava a octogenária Reizl, tradicional como um rolo da Torá, miúda e corcunda.

Antes do jantar, se intrometeu no pátio um jovem desconhecido dos convidados. Perguntou por Bénia Krik. Bénia Krik o levou para um canto.

— Escute, Rei — disse o jovem. — Vim dar uma palavrinha com você. Quem me mandou aqui foi a tia Jana, da rua Kostiétskaia...

— Sei, entendi — respondeu Bénia Krik, apelidado de Rei. — E que palavrinha é essa?

— Ontem chegou à delegacia o novo comissário de polícia, a tia Jana me mandou avisar ao senhor...

— Eu já sabia disso desde anteontem — respondeu Bénia Krik. — O que mais?

— O comissário de polícia reuniu o pessoal da delegacia e fez um discurso...

— Vassoura nova varre bem — respondeu Bénia Krik. — Ele quer dar uma batida. O que mais?

— E quando vai ser a batida, o senhor sabe, Rei?

— Vai ser amanhã.

— Rei, vai ser hoje.

— Quem foi que disse isso para você, menino?

— Foi a tia Jana. O senhor conhece a tia Jana?

— Conheço a tia Jana. O que mais?

— O comissário reuniu o pessoal da delegacia e fez um discurso: “Nós temos de sufocar Bénia Krik”, disse ele, “porque, onde existe um soberano imperador, não pode existir um rei. Temos de dar uma batida hoje, quando Krik for casar a irmã e todos estiverem lá juntos...”.

— O que mais?

— ... aí os tiras começaram a ficar com medo. Falaram: se a gente der uma batida hoje, quando ele está dando uma festa, o Bénia vai ficar furioso e vai correr muito sangue. Aí o comissário disse: “Para mim, a reputação está acima de tudo...”.

— Certo, pode ir — respondeu o Rei.

— O que o senhor quer que eu diga para a tia Jana sobre a batida?

— Diga: Bénia sabe da batida.

E o jovem foi embora. Depois dele, saíram três amigos de Bénia. Disseram que iam voltar em meia hora. E voltaram meia hora depois. E foi só isso.

As pessoas se sentaram à mesa sem levar em conta a idade. A velhice estúpida não dá mais pena do que a juven-

tude covarde. Também não levaram em conta a riqueza. O forro de uma carteira gorda é costurado com lágrimas.

No lugar mais importante da mesa, sentaram-se o noivo e a noiva. Era o dia deles. No segundo lugar, sentou-se Sênder Eikhbaum, sogro do Rei. Era seu direito. A história de Sênder Eikhbaum merece ser contada, porque não é uma história qualquer.

Como foi que Bênia Krik, ladrão e rei dos ladrões, se tornou genro de Eikhbaum? Como se tornou genro de um homem que possuía sessenta vacas leiteiras, menos uma? Pois é, tudo foi por causa de um assalto. Um ano antes, Bênia tinha escrito uma carta para Eikhbaum.

“Monsieur Eikhbaum”, escreveu, “peço ao senhor que, amanhã de manhã, coloque vinte mil rublos embaixo do portão do número 17 da rua Sofievskaja. Se o senhor não fizer isso, algo nunca visto espera o senhor, e toda Odessa vai falar do senhor. Com respeito, Bênia, o Rei.”

Três cartas, uma mais clara que a outra, ficaram sem resposta. Então Bênia tomou uma atitude. À noite, saíram nove homens com sarrafos compridos nas mãos. Os sarrafos tinham na ponta estopa encharcada de alcatrão. Nove estrelas ardentes se acenderam no curral de vacas de Eikhbaum. Bênia arrebentou a fechadura do estábulo e começou a tirar as vacas, uma a uma. Um rapaz as esperava com uma faca. Ele derrubava a vaca com uma pancada e mergulhava a faca no coração do bicho. Sobre a terra coberta de sangue, os archotes floriam como rosas de fogo, e tiros trovejavam. Com os tiros, Bênia enxotava as empregadas que tinham vindo correndo para o estábulo das vacas. E atrás dele outros ladrões começaram a atirar para o alto, porque, se não atirassem para o alto, podiam matar alguém. E aí, quando a sexta vaca tombou aos pés do Rei com um mugido moribundo, o monsieur Eikhbaum saiu para o pátio, só de ceroulas, e perguntou:

— Onde isso vai parar, Bênia?

— Se eu não tiver o dinheiro, o senhor não vai ter vacas, monsieur Eikhbaum. Simples que nem dois mais dois.

— Entre aqui, Bénia.

E, lá dentro, fecharam um acordo. As vacas massacradas foram divididas meio a meio, entre os dois. Eikhbaum recebeu uma garantia de imunidade, confirmada num contrato com carimbo. Mas o incrível veio depois.

Na hora do assalto, naquela noite medonha em que as vacas moribundas mugiram e as novilhas escorregaram no sangue das mães, quando os archotes dançaram como donzelas negras e as vaqueiras recuaram de medo e deram gritos esganiçados embaixo dos canos das amistosas pistolas Browning — naquela noite medonha, a filha do velho Eikhbaum, Tsília, correu para fora de casa, de camisola decotada. E a vitória do Rei se converteu em sua derrota.

Dois dias depois, sem nenhum aviso, Bénia devolveu para Eikhbaum todo o dinheiro tomado e depois disso, numa tarde, apareceu para fazer uma visita. Estava de terno laranja, embaixo do punho cintilava um bracelete de brilhantes; entrou, cumprimentou e pediu a Eikhbaum a mão de sua filha Tsília. O velho teve um leve choque, mas se levantou. Ainda havia, no velho, vida para uns vinte anos.

— Escute, Eikhbaum — disse o Rei. — Quando o senhor morrer, vou enterrá-lo no melhor cemitério judaico, bem junto do portão. Vou construir para o senhor, Eikhbaum, um mausoléu de mármore cor-de-rosa. Vou fazer do senhor decano da sinagoga Bródskaia. Vou largar minha especialidade, Eikhbaum, e me tornar sócio de seu negócio. Vamos ter duzentas vacas, Eikhbaum. Vou matar todos os produtores de leite, menos o senhor. Não vai passar nenhum ladrão na rua em que o senhor morar. Vou construir para o senhor uma casa de campo na estação dezesseis... E lembre, Eikhbaum: na juventude, o senhor também não foi nenhum rabino. Quem foi que falsificou o testamento, isso é uma coisa que nós não vamos falar em

voz alta, não é? O seu genro será um Rei, e não um pirralho qualquer, Eikhbaum...

E conseguiu o que queria, o Bénia Krik, porque era um apaixonado e a paixão domina o mundo. Os recém-casados passaram três meses na exuberante Bessarábia, no meio dos vinhedos, da comida abundante e do suor do amor. Depois Bénia voltou para Odessa para casar sua irmã Dvoira, de quarenta anos, que sofria da doença de Basedow. E agora, depois de contar a história de Sênder Eikhbaum, vamos voltar ao casamento de Dvoira Krik, irmã do Rei.

Na hora do jantar de casamento, serviram perus, galinhas assadas, gansos, peixe recheado e sopa de peixe, na qual lagoas de limão cintilavam como pérolas. Em cima das cabeças dos gansos mortos, flores balançavam como plumagens suntuosas. Mas será que as ondas espumosas do mar de Odessa trazem para a praia galinhas assadas?

Tudo que havia de mais nobre em nosso contrabando, tudo que, de uma ponta à outra, era a glória da terra, naquela noite estrelada e radiosa cumpriu sua devastadora, sua fascinante missão. O vinho estrangeiro esquentava os estômagos, quebrava as pernas docemente, entorpecia os cérebros e provocava arrotos sonoros como os apelos de uma corneta na guerra. O cozinheiro negro do “Plutarco”, que chegara de Port Said dois dias antes, trouxera para o outro lado da fronteira da alfândega bojudas garrafas de rum da Jamaica, vinho madeira oleoso, charutos das plantações de Pierpont Morgan e laranjas dos arredores de Jerusalém. Aí está o que as ondas espumosas do mar de Odessa depositam na praia, aí está o benefício que os casamentos judeus às vezes trazem aos mendigos de Odessa. O casamento de Dvoira Krik lhes reservou o rum da Jamaica, e por isso, embriagados como porcos, como animais impróprios para os rabinos, os mendigos judeus começaram a bater com suas muletas de modo ensurdecidor. Eikhbaum, de colete aberto, espiava com o

olho semicerrado a festa barulhenta e dava soluços amorosos. A orquestra tocava fanfarras. Era como uma divisão militar numa parada. Fanfarras, só fanfarras e mais nada. Os ladrões, sentados em fileiras espremidas, de início se incomodaram com a presença de gente de fora, mas depois relaxaram. Liova Ktsap arrebentou uma garrafa de vodca na cabeça de sua namorada. Mônia, o Artilheiro, deu tiros para o ar. Mas a coisa chegou ao auge do entusiasmo quando, segundo o costume antigo, os convidados começaram a presentear os noivos. Os salmistas das sinagogas pularam para cima das mesas e contavam ao som das fanfarras fervilhantes os rublos e as colheres de prata que os noivos tinham ganhado. E nisso os amigos do Rei mostraram quanto vale o sangue azul e o ainda não extinto cavalheirismo de Moldavanka.* Com um movimento displicente da mão, deixavam cair moedas de ouro, anéis e colares de coral sobre bandejas de prata.

Aristocratas de Moldavanka, eles estavam espremidos em coletes roxos, os ombros envoltos em paletós rubros, e nas pernas carnudas explodia o couro azul-celeste. Eretos, muito esticados, de barrigas empinadas, os bandidos batiam palmas no ritmo da música, gritavam “amargo”** e jogavam flores para a noiva, enquanto ela, a quarentona Dvoira, irmã de Bénia Krik, irmã do Rei, desfigurada pela doença, o papo inchado e os olhos saltados nas órbitas, estava sentada numa montanha de almofadas, ao lado de um garoto franzino, comprado com o dinheiro de Eikhbaum e emudecido de aflição.

A cerimônia dos presentes se aproximava do fim, os salmistas ficaram roucos e o contrabaixo não se entendia com o violino. Sobre o pátio, se espalhou de repente um leve cheiro de queimado.

* Bairro de Odessa.

** Tradição nos casamentos russos. Os noivos devem se beijar, para o vinho ficar doce.

— Bénia — disse o papai Krik, um velho carroceiro tido como grosseirão entre os carroceiros. — Bénia, você sabe o que estou achando? Estou achando que estão queimando fuligem por aí...

— Papai — respondeu o Rei ao pai embriagado —, por favor, beba e coma à vontade, e não se preocupe com essas besteiras...

E o papai Krik seguiu o conselho do filho. Comeu e bebeu. Mas a nuvenzinha de fumaça ficava cada vez mais intoxicante. Aqui e ali, as beiradas do céu já estavam rosadas. E uma língua de fogo disparou para o alto, fina como uma espada. Os convidados ergueram a cabeça, começaram a farejar o ar, e suas mulheres deram gritos esganiçados. Os ladrões se entreolharam. Só que Bénia, que nada percebia, ficou desconsolado.

— Estão estragando minha festa — gritou, cheio de desespero. — Meus caros, peço a vocês que comam e bebam...

Mas naquele momento apareceu no pátio o mesmo jovem que tinha vindo no início da festa.

— Rei — disse. — Tenho de dar uma palavrinha com o senhor.

— Certo, pode falar — respondeu o Rei. — Você tem sempre uma palavrinha no estoque...

— Rei — falou o jovem desconhecido, e começou a rir baixinho. — É muito engraçado, a delegacia pegou fogo que nem uma vela...

Os comerciantes emudeceram. Os ladrões sorriram. Manka, de sessenta anos, matriarca dos bandidos do bairro, pôs dois dedos na boca e deu um assobio tão agudo que quem estava do seu lado balançou.

— Mânia, a senhora não está no trabalho — advertiu Bénia. — Tenha sangue frio, Mânia...

O riso continuava a dismantelar o jovem que tinha trazido a notícia espantosa.

— Eles saíram da delegacia, uns quarenta homens —

contou, mexendo a mandíbula. — Foram dar uma batida; assim que se afastaram uns cinquenta passos, logo começou a pegar fogo... Venham só ver, se quiserem...

Mas Bénia proibiu os convidados de irem ver o incêndio. Foi lá com dois camaradas. A delegacia queimava por igual pelos quatro lados. Os policiais, sacudindo os traseiros, corriam pelas escadas fumacentas e jogavam caixas para fora das chamas. No meio da confusão, os presos fugiram. Os bombeiros estavam cheios de entusiasmo, mas no hidrante mais próximo não tinha água. O comissário de polícia — a própria vassoura nova que varria melhor — estava parado na calçada do outro lado da rua e mordida os bigodes que se enfiavam em sua boca. A vassoura nova estava sem movimento. Bénia, ao passar pelo comissário, fez um cumprimento à maneira militar.

— Boa tarde, Vossa Excelentíssima — disse, em tom simpático. — Mas que calamidade foi essa? Um pesadelo...

Cravou os olhos no prédio em chamas, balançou a cabeça e estalou os lábios.

— Ai, ai, ai...

Quando Bénia voltou para casa, já haviam apagado os lampiões no pátio e no céu a aurora começava sua função. Os convidados se dispersaram e os músicos dormiam com a cabeça apoiada nos braços de seus contrabaixos. Só a Dvoira não estava com vontade de dormir. Com as duas mãos, empurrava o marido apavorado para a porta do quarto nupcial e lhe dirigia olhares carnívoros, como um gato que pega um camundongo na boca e o apalpa de leve com os dentes.